

Diáspora e conflitos marcam a história araweté

De acordo com levantamento do Instituto Sócio-Ambiental (ISA), os araweté são um povo tupi-guarani de caçadores e coletores da floresta de terra firme, que se deslocou há cerca de quarenta anos das cabeceiras do rio Bacajá, em direção ao rio Xingu, no sudoeste paraense.

O nome araweté, inventado por um sertanista da Funai, não significa nada na língua do grupo. O único termo que poderia ser considerado uma auto-denominação é *bide*, que significa "nós", a "gente", os "seres humanos". Todos os humanos são *bide*, mas os humanos por excelência são os araweté: os outros povos indígenas e os "brancos" (kamarã) são awi, "estrangeiros" ou "inimigos".

Inimigos - Os araweté vivem em uma só aldeia, às margens do igarapé Ipixuna, afluente da margem direita do médio rio Xingu. O Ipixuna é um rio de águas negras, enca-

choeirado, que corre em um leito rochoso na direção sudeste/noroeste.

A vegetação dominante na bacia do Ipixuna é a floresta aberta com palmeiras, onde as árvores raramente ultrapassam 25 metros. Nos arredores da aldeia há extensas áreas de "mata de cipó", onde lianas e plantas espinhosas tornam a caminhada difícil.

O terreno é pontilhado de irupções graníticas que em seu topo se cobrem de cactus, bromélias e agaves. Os araweté dizem viver agora "na beira da terra". Sua tradição fala de sucessivos deslocamentos a partir de algum lugar a leste (o centro da terra), sempre em fuga diante de inimigos mais poderosos.

Tudo que é possível garantir é que eles moram há muitos anos, talvez séculos, na região de florestas entre o médio curso dos rios

Xingu e Tocantins.

Doenças - Em junho de 1994, segundo o ISA, os araweté somavam 255 pessoas, quase o dobro do primeiro censo da Funai (127 índios) realizado em março de 1977, quando 36% da população contactada um ano antes, morreu em decorrência de ataques dos parakanã e principalmente das doenças contraindo a partir do contato.

A história dos araweté tem sido, pelo menos desde o início do século, uma história de sucessivos conflitos com tribos inimigas e de deslocamentos constantes.

Eles saíram do Alto Bacajá devido a ataques dos kayapó e dos parakanã. Por sua vez, ao chegarem ao Ipixuna e demais rios da região (Bom Jardim, Piranhaquara), arri-gentaram os assurini ali estabelecidos, que acabaram se mudando para o rio Ipiacava, mais ao norte.

Isolamento marca a cultura da tribo do Xingu

Os araweté possuem uma cultura material bastante simples, dentro do horizonte tupi-guarani. Isto se pode explicar, em parte, pelo estado constante de alarme e fuga diante de inimigos a que este povo esteve sujeito nas últimas décadas; em parte, pelo trauma do contato.

Em sua simplicidade, a cultura material dos araweté não permite uma aproximação com a de qualquer outro grupo tupi-guarani em particu-

lar. A predominância absoluta do cultivo do milho sobre o da mandioca também distingue os araweté dos demais tupi-guarani amazônicos.

Os homens têm barba espessa, que costumam deixar crescer em cavanhaque; andam nus, com apenas um cordão amarrado no prepúcio. As mulheres trazem um costume de quatro peças tubulares (cinta, saia, tipóia-blusa e um pano de cabeça), tecido de algodão nativo e

tingido de urucum.

Elas usam brincos feitos de peninhas de arara dispostas em forma de flor, pendentes de enfiadas de semente de ciñã, bem como colares desta mesma conta. Os homens usam os mesmos brincos, porém mais curtos.

O cabelo é cortado em franja reta na testa até a altura das orelhas, de onde cresce até a nuca dos homens e a espádua das mulheres.